

Uma grata surpresa!

As dezenas de milhões de brasileiros que acorrerem às urnas, hoje, deverão reconhecer que o espetáculo cívico de que participam — ordeiramente, à exceção de alguns Estados em que ainda predominam oligarquias e onde candidaturas de oficiais, sargentos e cabos PM transformam o poder de polícia do Estado em instrumento de coerção — se deve a dois fatores: ao amadurecimento cívico do povo brasileiro e à ação do presidente Itamar Franco.

Estamos à vontade para dizê-lo, pois fomos nós primeiros a afirmar, quando S. Exa. assumiu o governo, que havia organizado um “ministério pífio”; e continuamente não nos cansamos de apontar as consequências, para a alta política do Brasil, do temperamento mercúrial do chefe de governo. Fomos e somos, também, contra a maneira com que conduziu e conduz o processo de privatização, impedindo o Tesouro de arrecadar recursos que possivelmente lhe façam falta neste final de ano. Tudo isso, porém, não impede reconhecer — pelo contrário, obriga a dizer — que o sr. Itamar Franco cumpriu aquilo que se propôs desde o instante em que, levado pela força das coisas, teve de assumir a Presidência da República: fazer um governo de transição.

Fê-lo, e forçoso é reconhecer, dado o espetáculo de hoje, que nunca se viu transição tão bem conduzida (alguns poderiam dizer “minimamente” conduzida). Ao longo dos dois

anos em que ocupa a Presidência, não fez por parecer diferente do que era. Talvez tenha sido essa peculiaridade da sinceridade, explosiva às vezes, que tenha provocado de início um certo afastamento da opinião pública. De fato, era difícil conciliar o “estilo imperial” do governo Collor (da primeira fase, bem entendido) ou aquele sem definições claras do sr. José Sarney com o de alguém que se dizia contrário à forma pela qual se estavam fazendo as privatizações, e as interrompia; que anunciava dia e noite sua luta sem tréguas contra a indústria farmacêutica ou manifestava o desejo de ver fabricado um “carro popular” (ainda que acessível apenas a setores da classe média, e assim mesmo aos setores afluentes dela) e que não hesitava em lançar mão de quantas medidas provisórias fosse preciso para contentar a UNE ou os inquilinos. Esse era e é seu estilo — mas era e é também sua maneira de ouvir os conselhos de quem conhecia melhor os meandros do mundo econômico e financeiro. Foi essa humildade que lhe permitiu conviver com o Plano Real na forma pela qual foi elaborado e está sendo conduzido.

Por tudo isso, foi possível ao sr. Itamar Franco realizar a transição — isto é, conduzir



um processo eleitoral que se afigurava difícil. Mais ainda. Foi seu estilo e a capacidade que teve de centrar seus esforços na edição do Plano Real, no seu acompanhamento e no apoio a ele, que de certa forma lhe permitiram ser, desde a sucessão de 1950, o primeiro presidente da República a fazer seu sucessor. Sabido, como se sabe, que não houve, no período militar, uma sucessão tranqüila como esta que se está processando hoje. Possivelmente a juventude do corpo eleitoral

brasileiro não permita à maioria da população se dar conta de que as sucessões presidenciais no Brasil, desde 1930 (!), sempre foram motivo de crises, algumas mais graves, outras menos. Esta de hoje é a primeira, em 64 anos (!), em que as urnas se abrem sem paixões soltas — e não se compare o clima de hoje com o de 89 nem a sucessão de Sarney com a de Itamar Franco.

O mais curioso a observar na relevância do papel do sr. Itamar Franco nessa sucessão é que seu governo não realizou grandes obras — não porque não quisesse, mas porque o presidente teve consciência de que não poderia fazê-lo por impossibilidade financeira. Concluiu algumas para que a relação custo/benefício não se tornasse desfavorável. No mais, cuidou

de administrar como possível a crise que havia herdado. E administrou bem — tão bem que os aplausos com que está sendo consagrado em suas aparições públicas e os índices de popularidade que o cercam testemunham o apreço em que o povo o tem.

Seguramente o presidente Itamar Franco não premeditou este final, diríamos, feliz. Deve, porém, ter sentido que o apoio popular expresso em aplausos por onde vai só se mani-

festou depois que o Plano Real se tornou realidade. As hesitações iniciais, o desejo de abaixar imediatamente as taxas de juro, de combater os bancos foram postos de lado e S. Exa. soube se engajar na luta

**Em boa medida
graças ao estilo
de Itamar Franco,
a sucessão
presidencial é
tranqüila**

pela aceitação e êxito do Plano. Colhe agora os resultados de sua sabedoria política. Com ele colhemos nós a tranqüilidade de uma sucessão presidencial *sui generis*, com os representantes do Brasil antigo eliminados e os dos rancorosos que sempre existem em qualquer país também sem grande expressão popular. Essa transição tranqüila e esse fim do caudilhismo e do populismo, ao fim e ao cabo, devemos em parte também ao estilo de governar do sr. Itamar Franco. Uma grata surpresa!